

## O PIOR SENTIMENTO QUE ALGUÉM PODE TER

Bill escreveu o seguinte relato autobiográfico.

Meu primeiro automóvel eu ganhei no meu terceiro emprego. Eu tinha exatamente 13 anos, tinha rodas rengui-tengui, pneus cromados, barra de direção reforçada, antena telescópica e uma bandeira do Brasil na dianteira. Essa bandeira era a minha contribuição nacionalista para o país, apesar dos contrastes e desigualdades que eu via, vejo e verei nele, infelizmente.

Esse trabalho era no supermercado Casas da Banha, em Botafogo, mais precisamente na rua Voluntários da Pátria. Éramos vários garotos; nos chamavam de marrequinhos. Não havia tantos taxistas como hoje nas portas dos supermercados e dava para fazer muitas viagens para as madames que moravam perto do estabelecimento. Meu aerrecomóvel era meu companheiro, meu ganha-pão. Não era a primeira vez que eu fazia esse trabalho. Para ajudar minha mãe no sustento da casa, fui acostumado a me virar de várias formas, e a mais comum pra mim, na época, era fazer esses carretos.

Meu salário vinha das gorjetas, que na verdade era o que as pessoas pagavam pelo serviço prestado. Mas no bairro de Botafogo era diferente; meu trabalho era muito mais valorizado devido à falta de qualificação profissional e da mão-de-obra local. As madames nos tratavam mal, mas sempre com um certo receio de nos perder, já que seus vizinhos não se prestariam àquele papel, que até aquele momento eu entendia como prerrogativa nossa, direito nosso, um privilégio. Pouco tempo depois eu passei a ver muito diferente. Percebi que era somente um destino planejado pra nós. Passei a ver que era o caminho natural dos pretinhos do outro planeta.

Uma vez eu fui chamado para atender uma senhora boa-praça; me aproximei dela com serenidade para mostrar educação e, por que não?, para demonstrar toda a minha subserviência. Ela me olhou e disse: "ajuda aí".

- Sim, senhora.

E comecei a colocar toda a compra no marrecomóvel. Empurrei o carrinho um pouco pra frente para não atrapalhar as outras pessoas e os outros marrecos-colegas. Ela não sabia se pagava as compras ou se me olhava, com um puta medo de eu fugir com o carrinho e as compras dela. Até aí, tudo bem, todas as madames eram assim mesmo e, para ser justo, até lá nas feiras livres das favelas as coroas pobres ficam boladonas quando os carregadores locais saem do raio dos seus olhos, viram uma esquina e deixam as donas das compras alguns milésimos de segundos sem a visão total do carrinho e, portanto, das suas compras. Esse tempo pode ser o suficiente para um seqüestro relâmpago de uma banana, ou duas uvas, dependendo do gosto do moleque.

Depois que a madame pagou, começamos a caminhar pelas ruas movimentadas de Botafogo. A dona era muito impaciente. Ela não entendia que eu não poderia correr com as compras, entre tantos obstáculos pela frente e pelos lados - cachorros, ônibus, ciclistas, meios-fios, pedestres -, apesar de eu querer me livrar dela. Ela me olhava como quem me chamava de molenga, só que eu tinha um bom emprego, tinha o respeito de todos os meus colegas de trabalho e minha família precisava desse dinheiro. Eu não podia arriscar minha pele, saindo correndo para agradecer aquela mulher e correr o risco de virar o carrinho, por certo quebrar entre outras coisas os ovos da dona e perder meu trabalho sumariamente, sob a acusação de ser desastrado - em linguagem automobilística: direção perigosa. Porra nenhuma, vou devagar e sempre, como faço até hoje, não empurrando carrinho, mas tocando a vida.

Ela até poderia fazer uma reclamação aos meus chefes, mas eu poderia me explicar tranquilamente, sem nenhum estresse, já que eles mesmos davam essa orientação.

Meus chefes eram o seu Joaquim, gerente da unidade, e o seu Luiz, subgerente. Pessoas muito humanas e justas, apesar de serem xingados e acusados de injustos e de safados por todos nós, inclusive por mim - dependia da ocasião e do interesse de cada parte. Normal, chefe é pra essas coisas.

Depois de ultrapassar todos os obstáculos da tarde, chegamos ao prédio dela. Um paraibano de terno abriu o portão de ferro, nos deu boa-tarde e chamou o elevador de serviço. Dar boa-tarde pra mim não era muito comum, partindo de um adulto. Achei que o paraibano pensou que eu era parente da dona da casa; quem sabe ele achou que ela era minha sogra?, sei lá. O fato é que o paraibano tinha ganhado minha admiração e meu

respeito, e por isso cabia a mim estufar o peito e fazer cara de dono do AP, cara de bacana...

O elevador chegou, a madame ficou me olhando e assim permaneceu até a saída do elevador, lá nas alturas, talvez vigésimo andar. Nesses poucos minutos, tive a certeza de que a dona estava me dando mole: eu olhava pra ela no elevador, ela tava me olhando, eu desviava o olho, voltava nela, e a coroa continuava me olhando. Então eu comecei a ficar nervoso, comecei a reparar discretamente nas suas curvas e no seu decote. Nesse momento, ela já não era mais a coroa chata que tinha me ignorado até aqui; passou a ser uma mulher como qualquer outra, uma mulher por quem eu poderia perfeitamente me apaixonar, apesar dos 13 anos. E se isso acontecesse não seria a primeira vez; é que eu já tinha experimentado dessas paixões antes, por pessoas mais velhas, e as duas vezes anteriores foi com duas professoras minhas. É verdade que elas nunca souberam disso e se souberam foi porque fui traído por algum colega de turma a quem eu confiei esses segredos. Eram paixões relâmpago e, contraditoriamente, duradouras. Hoje, me recordo bem das professoras e me dá vontade de rir quando lembro.

O elevador abriu as portas, à direita tinha uma porta maneira, de cerejeira, com um coração enorme no centro, em alto-relevo, com umas coisas penduradas, estilo japonês. Comecei a caminhar pra lá e a dona disse: "Não, garoto, é essa porta aqui." Garoto? Caiu a casa, pensei. Mas, por outro lado, foi até melhor mesmo, aquilo acabava meu pesadelo e minha inquietação. E se foi ela quem desistiu de mim, eu não teria nenhuma responsabilidade, portanto minha reputação e as obrigações de macho não estariam manchadas.

- Vamos por ali - ela disse, apontando para a porta da esquerda, a porta de serviço. Ela tocou a campainha e fomos atendidos por uma menina que regulava com a minha idade, branquinha, lourinha de olhos verdes.

Sorri sem nenhuma maldade. Afinal, nem tudo estava perdido, aquela menina poderia ainda se tornar a minha enteada. Tirei tudo do carrinho e coloquei no chão, na porta de serviço. Quando terminei de descarregar, a coroa me deu uma grana, nada que destoasse dos valores pagos pelas outras madames da região - diria até que ela deu menos do que a maioria das senhoras do morro Dona Marta, até porque lá era onde eu fazia as melhores entregas e recebia as melhores gorjetas (muitas vezes até almoço as senhoras me davam, quase ninguém queria entregar as compras no

morro, e eu sempre voltava da favela reclamando, para não despertar interesse no meu tesouro).

A madame começou a levar as compras da porta para dentro de casa, enquanto a garota, a seu pedido, chamou o elevador pra mim e para meu companheiro, o meu carrinho, a quem eu chamava, às vezes, de Bat-sofrimento.

O elevador chegou e a porta demorou um pouco pra fechar - era desses elevadores velhos em que cabem quatro pessoas magras. Enquanto o elevador não se decidia se subia ou descia, a menina e eu ficamos nos olhando, esperando o desfecho; eu nada dizia, nem ela. A porta se fechou, o bicho desceu e eu fiz meu caminho de volta, pensando naquela entrega. Naquela nova história para contar para os marrecos na hora da saída do trabalho; é que todos os dias na saída cada marreco tinha um monte de coisas pra contar, histórias de todo tipo. Nesse dia eu diria que fui entregar umas compras e a dona da casa estava a fim de mim; eu tinha certeza de que eles iriam acreditar porque o Geléia, fiscal da loja, era um parceiro mais velho, sempre trazia revistas pornográficas pra gente ler com muitas histórias contadas por mulheres, com temas variados: desde carteiros devorados quando iam entregar cartas, até homens com seus pênis expulsos das calças por elas dentro de ônibus superlotados. Por que a dona não podia ter ficado a fim de mim?

No dia seguinte, cheguei para o trabalho e tinha um recado de que haveria uma reunião com seu Joaquim, antes de pegar no batente. Estavam lá todos os moleques da tarde, unidos, esperando o nosso amado e odiado gerente.

- Marrecos, temos um problema gravíssimo para resolver e é melhor o culpado se acusar logo para não respingar em ninguém.

Xiiii, alguém fez merda, eu pensei, e estava tranqüilão.

- Seguinte. Temos uma reclamação de que ontem um marreco tentou agarrar uma menina num apartamento.

Caralho, tarado no nosso meio? No meu pedaço perde a cabeça e ainda vai pro poste.

- O marreco estava de camisa amarela. Eu tenho duas opções, mandar o marreco embora agora ou ela vem aqui com a polícia, hoje.

- Alex, qual era a cor da sua camisa, ontem?

- Amarela, seu Joaquim, e só tinha eu de amarelo, mas não agarrei ninguém, não senhor.

Respondi com toda a sinceridade; e era a mais pura verdade.

- Tentou sim, Alex. A dona não ia mentir. Pode ir embora, agora, senão ela vai vir aqui e vai ser pior.

Eu não tinha agarrado ninguém, só olhei pra garota, a culpa era do desgraçado do elevador. Será que ela tinha achado que eu ia agarrar ela mesmo?

- Seu Joaquim, se foi a dona que eu levei ontem à tarde, deixa eu ir lá falar com ela; eu não quis agarrar ninguém não senhor.

- Tá maluco, marreco, você quer ser preso?

Percebi que não tinha defesa. Mas percebi também que tinha solidariedade. Até porque eu contava com uma quadrilha lá dentro - só da Cidade de Deus tinha cinco: Memê, Vaguinho, Bobo, Nado e Quequé. A grande maioria dos marrecos começaram a dizer que não acreditavam, que o gerente deveria passar a história a limpo, que eles me conheciam e que eu não faria isso.

Mas tinha o outro lado da moeda, o Delicado, um negrão com a cara cheia de espinhas, evangélico, que não gostava de mim porque eu ouvia *rap* alto e ficava sacaneando ele quase o tempo todo. Claro que não era só eu; até o gerente sacaneava ele. Delicado disse: "Ele deve ser tarado mesmo, seu Joaquim; ele é muito rebelde e mal-educado." Todo mundo olhou pra cara do cagüete, do crente salafrário, mas ele não mostrou um sinal sequer de arrependimento.

Seu Joaquim me olhou; não parecia acreditar naquele negrão X9 e puxasaco de gerente.

- Alex, pode ir embora. Procura o seu Edmar, avisa a ele que você está demitido e não fica aqui na frente, fica escondido lá dentro, porque a moça pode aparecer aqui.

Seu Edmar era um senhor gente boa; tinha a língua presa, baixinho e pretinho, trabalhava como intermediário dos marrecos e gozava de bom relacionamento tanto com os marrecos quanto com os gerentes. Ele já conhecia muitas histórias de injustiças das madames e também de besteiras feitas pelos moleques, então pedi pra ele interceder junto à gerência em meu favor. Chorei o bastante para encher um balde de lágrimas. Ele não disse nada, exceto que ia falar com o gerente. Uma hora depois seu Joaquim veio falar comigo.

- Olha, Alex, dessa vez vou te perdoar, mas nunca mais você faça isso. Tentei, sem sucesso, me explicar, negar a acusação, mas era impossível minha palavra ter algum valor diante de quem me acusava.

- Sim senhor.

E me tornei, a partir daquele momento, um tarado regenerado. A partir daquele dia, passei a ter vários acidentes com meus carrinhos e minhas compras, pois todas as vezes em que via uma garota da minha idade e loira, eu, mecanicamente, abaixava a cabeça. E esse é o pior sentimento que alguém pode ter.